

Mandalas formativas no ensino da educação popular em saúde: relato de experiência

Samir Gabriel Vasconcelos Azevedo¹, Victor Hugo Santos de Castro², Débora Brenda Carneiro de Souza³, Maria Rocineide Ferreira da Silva⁴

Resumo

A educação popular em saúde (EPS) é um campo primordial para as discussões em saúde coletiva, pois aponta caminhos para o distanciamento de um ensino tradicional. Assim, o objetivo deste estudo foi relatar a experiência da utilização de mandalas formativas no ensino da EPS no Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva da UECE. As mandalas foram meios de compartilhamento de saberes, fomentando discussões sobre educação popular. As palavras nelas inseridas foram agrupadas de acordo com as dimensões presentes no livro *Pedagogia da Autonomia* de Paulo Freire. As vivências de confecção e apresentação das mandalas despertaram sentimentos, ampliaram visões, fomentaram a interdisciplinaridade e o diálogo, promovendo a troca de saberes entre diferentes sujeitos de diversas formações. Conclui-se que, metodologias ativas, permeadas pelos ideais freireanos, são um importante caminho na formação de sanitaristas.

Palavras-chave

Saúde coletiva. Educação popular. Materiais de ensino.

¹ Mestrando em Saúde Coletiva pela Universidade Estadual do Ceará, Brasil; membro do Grupo de Pesquisa Epidemiologia, Cuidado em Cronicidades e Enfermagem (GRUPECCE/UECE). E-mail: samirueva@gmail.com.

² Mestrando em Saúde Coletiva na Universidade Estadual do Ceará, Brasil; membro do Grupo de Pesquisa Interdisciplinar em Atividade Física, Saúde e Escola (UECE). E-mail: vsantosdecastro@gmail.com.

³ Mestranda em Saúde Pública na Universidade Estadual do Ceará, Brasil. E-mail: deborabrendac@outlook.com.

⁴ Doutora em Saúde Coletiva pela Universidade Federal do Ceará, Brasil; professora adjunto do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Estadual do Ceará, Brasil; membro do Grupo de Trabalho Educação Popular e Saúde da Abrasco. E-mail: rocineide.ferreira@uece.br.

Formative mandalas in the teaching of popular health education: experience report

Samir Gabriel Vasconcelos Azevedo⁵, Victor Hugo Santos de Castro⁶, Débora Brenda Carneiro de Souza⁷, Maria Rocineide Ferreira da Silva⁸

Abstract

Popular health education (PHE) is a primary field for discussions in Public Health, as it points out ways to move away from traditional teaching. Thus, the aim of this study was to report the experience of using formative mandalas in teaching PHE in the Postgraduate Program in Collective Health at UECE. Mandalas were a means of sharing knowledge, fostering discussions on popular education. The words inserted in the mandalas were grouped according to the dimensions present in the book *Pedagogia da Autonomia* by Paulo Freire. The experiences of making and presenting mandalas aroused feelings, broadened visions, fostered interdisciplinarity and dialogue, promoting the exchange of knowledge between different subjects from different backgrounds. We conclude that active methodologies, permeated by Freirean ideals, are an important path in the training of health workers.

Keywords

Public health. Popular education. Teaching materials.

⁵ Master degree student in Public Health, State University of Ceará, State of Ceará, Brazil; member of the Research Group on Epidemiology, Care in Chronicities and Nursing (GRUPECCE/UECE). E-mail: samirueva@gmail.com.

⁶ Master degree student in Public Health, State University of Ceará, State of Ceará, Brazil; member of the Interdisciplinary Research Group on Physical Activity, Health and School (UECE). E-mail: vsantosdecastro@gmail.com.

⁷ Master degree student in Public Health, State University of Ceará, State of Ceará, Brazil. E-mail: deborabrendac@outlook.com.

⁸ PhD in Public Health, Federal University of Ceará, State of Ceará, Brazil; professor at the Health Sciences Center, State University of Ceará, State of Ceará, Brazil; member of Abrasco's Popular Education and Health Working Group. E-mail: rocineide.ferreira@uece.br.

Introdução

A Saúde Coletiva é um conceito forjado com forte implicação brasileira, que envolve os campos científico e político, tendo como principal atributo a integralidade do cuidado, pautado em disciplinas das ciências sociais, humanas e filosóficas, como forma de superar o biologicismo dominante na saúde e que envolve uma diversidade de áreas de conhecimento, dentre elas, a da Educação Popular em Saúde (EPS) (PAIM; ALMEIDA FILHO, 1998; SCHRAIBER, 2015; SILVA; SCHRAIBER; MOTA, 2019).

A EPS é entendida como um movimento pedagógico e político que busca evidenciar as temáticas geradoras das lutas populares, corroborando também com os movimentos sociais que expressam esses embates. Trata-se de uma forma de alertar quanto às necessidades do oprimido, do indígena, do camponês, da mulher, do negro, do analfabeto, dos que ocupam a classe social marginalizada pelas condições de pobreza e outros (GADOTTI, 2018).

Desse modo, a aposta é na possibilidade da criação de vínculos mais fortes com sujeitos nos territórios, privilegiando a discussão dos movimentos sociais de classes populares, uma vez que a compreensão de saúde como prática social torna eficaz a comunicação profissional-sujeito, por meio do compartilhamento de saberes prévios dos envolvidos (FALKENBERG *et al.*, 2014).

Em alguns programas de pós-graduação em Saúde Coletiva é ofertada a disciplina de EPS, como é o caso da Universidade Estadual do Ceará (UECE), que a disponibiliza anualmente, com o intuito de resgatar situações históricas, sociais e políticas da educação, trazer reflexões sobre o papel do sanitarista na sociedade, assim como apresentar e discutir aspectos da educação popular, sobretudo, por meio dos ideais de Paulo Freire.

As concepções de Freire corroboram com o paradigma inovador da educação, que traz a figura do professor como intermediador do saber que está nos livros e na sociedade, buscando desenvolver a solidariedade entre educandos, deixando claro que pessoas de idades e saberes diferentes têm contribuições expressivas a compartilhar. O educando é ativo e participativo no processo de aprendizagem, a metodologia é diversificada e os conteúdos estão relacionados às tendências atuais (BEHRENS, 2005).

Dentre as possíveis metodologias diversificadas no processo de aprendizagem, destaca-se o uso de mandalas formativas. Mandalas são “um símbolo da totalidade e representam a integração entre homem e natureza, retratando as condições nas quais é construída a experiência humana entre o interior (pensamento, sentimento, intuição e sensação) e o exterior (natureza, espaço e cosmo)” (SOLANO, 2020, p. 38).

O desenvolvimento de mandalas associado ao conteúdo da EPS possibilita ao sanitarista ter espaço para o desenvolvimento de discussões que sejam mais próximas, claras, objetivas e refletoras da realidade dos sujeitos no contexto da integralidade do cuidado em saúde. A confecção de mandalas foi um dos momentos formativos dos autores desse estudo na pós-graduação. O momento foi caracterizado por uma roda de conversa virtual, devido ao contexto pandêmico, sobre a EPS.

Considerando o exposto, o seguinte questionamento emergiu: quais as contribuições das mandalas formativas no ensino da EPS? Assim, objetivou-se relatar a experiência da utilização de mandalas formativas no ensino da EPS no Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva da UECE.

Esse relato de experiência justifica-se pela necessidade de superar o ensino tradicional no campo da saúde, que dificulta o pensamento crítico, assim como apontar possibilidades de espaços formativos, especialmente na saúde coletiva. Portanto, contempla elementos para instigar acadêmicos, profissionais da saúde e a sociedade em geral que almejam (re)significar as formações e as práticas profissionais, principalmente no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS).

Relato da experiência

A aproximação com mandalas formativas ocorreu por meio da disciplina optativa de Educação Popular e Escola na perspectiva da Promoção da Saúde (EPEPS), do Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva da UECE, a qual proporcionou imersões em oito encontros, sendo um por semana (às quintas-feiras), no turno vespertino, das 13h às 17h, tendo ocorrido entre os meses de agosto e setembro de 2020.

A metodologia de ensino por meio de mandalas formativas foi escolhida para o relato, por se tratar de uma estratégia eficaz e eficiente de compartilhar saberes, práticas profissionais e experiências, possibilitando aos alunos uma reflexão sobre desafios, avanços, sentimentos e significados anteriormente experienciados nos territórios pelos quais passaram.

Mandalas são ilustrações que representam os conhecimentos e expressões de si mesmo (PITAK-DAVIS, 1992). O processo de construção de mandalas parte da representação visual para o verbal e, apesar de ser um momento de construção individual, é sempre compartilhado no coletivo. Seu significado é círculo, em sânscrito (língua morta, de origem indiana) e universalmente é o símbolo da integração e da harmonia (PINHEIRO, 2018). As cores

escolhidas são igualmente importantes, pois refletem sobre o inconsciente, especialmente no que tange aos sentimentos e intuições.

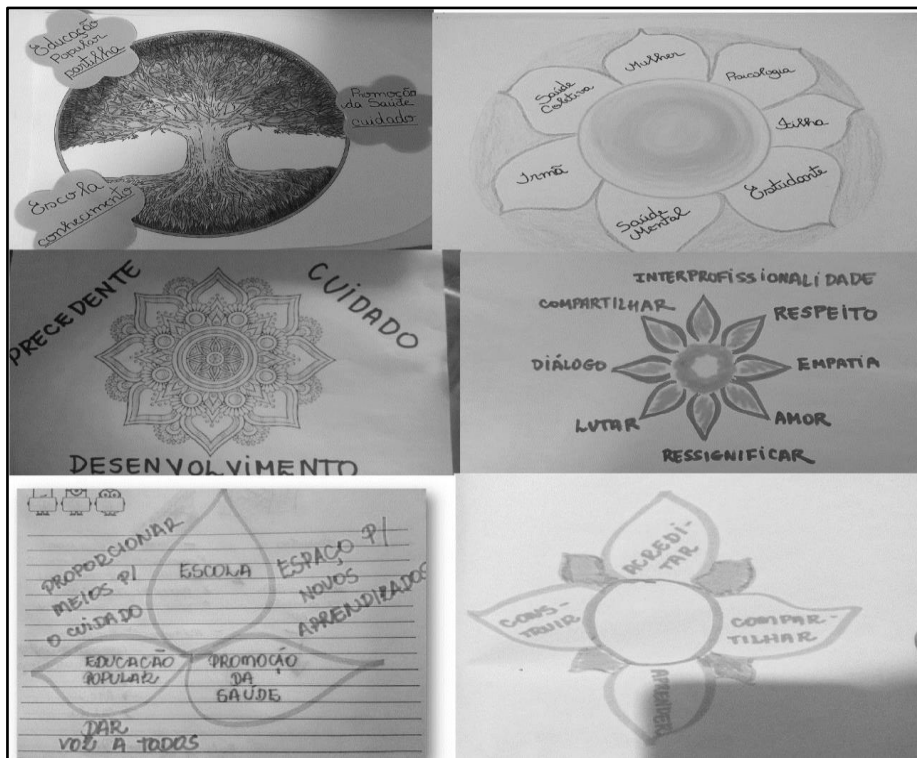
Há uma diversidade de técnicas na construção de mandalas. Podem ser usadas diferentes formas e cores, podem ser feitas em papéis ou utilizando outros recursos, como os naturais. As mandalas podem ser vivenciadas também em forma de dança circular em grupo (MENDONÇA; BRITO, 2017). Frisa-se que a confecção de mandalas na disciplina de EPEPS foi realizada utilizando papel e canetas coloridas para expressar nossos significados sobre EPS emergidos naquele momento, os materiais eram sempre solicitados com antecedência, para que todos os discentes pudessem se organizar para o momento. Após as produções, elas eram apresentadas para os demais, em sala de aula virtual.

Essa estratégia tem importância pedagógica, uma vez que possibilitou o desenvolvimento de habilidades como se expressar, ter reflexões críticas sobre temas da saúde pública, situações no serviço e território, competências necessárias para cargos assistenciais e de gestão e percepções ampliadas em relação à integralidade do cuidado em saúde (SANTOS, *et al.*, 2015).

Esse processo vivenciado na disciplina de EPEPS permitiu que mestrandos e doutorandos relatassem suas experiências, diálogos essenciais para amplificar saberes e práticas no âmbito da educação popular. Salienta-se que as mandalas possuíam palavras que as representavam e elas foram incitadas pelas discussões sobre educação popular e promoção da saúde.

A construção das mandalas deu-se em momentos diferentes. As mandalas da esquerda são perspectivas das temáticas da EPEPS, exercício do primeiro encontro, mediado pela docente titular da disciplina; já as mandalas do lado direito, confeccionadas depois da imersão nos conteúdos, especificamente no sétimo encontro, mediado por uma professora convidada, referem-se à formação do “ser” humano e do profissional sanitário, assim como o espaço que a EPS tem no nosso cotidiano (Figura 1).

Figura 1 – Mandalas construídas pelos autores durante a disciplina Educação Popular



Fonte: Arquivos dos autores⁹ (2020).

Mesmo que a construção de mandalas seja, por vezes, inconsciente, o surgimento das palavras representa saberes necessários à prática educativa que são indispensáveis para a formação de professores e sanitaristas que trabalham com educação popular (KARPINSKI; FETTER, 2020). Assim, observa-se que algumas vezes as palavras apresentadas são sinônimos ou apresentam aspectos que estão intrinsecamente relacionados, confirmando uma harmonia quanto à compreensão dos contextos e conceitos discutidos.

A fim de atender aos objetivos formativos, o arcabouço teórico da disciplina buscou uma aproximação com Paulo Freire, alertando que ser educador(a), implica em reconhecer o direito dos demais em compartilhar a sua palavra, independente da alfabetização, níveis de ensino e contextos (FREIRE, 1996), uma vez que todos os indivíduos sabem e ignoram algo, logo, aprendem sempre (FREIRE, 2002). “A prática educativa que Freire defende é questionadora e desenvolve educandos pensantes, os quais participam da sua educação de forma ativa e não como receptores do que se pensa estar transmitindo” (MUNHOZ; SALATINO, 2020, p. 53.794).

⁹ As mandalas são de arquivo pessoal dos autores desse estudo, o que garante a utilização de imagem nesse artigo.

Nesse sentido, a leitura do livro *Pedagogia da autonomia* (FREIRE, 2002), dividido em três unidades, “Não há docência sem discência”; “Ensinar não é transferir conhecimento” e “Ensinar é uma especificidade humana”, trouxe a possibilidade de refletir sobre o paradigma conservador da educação, que reforça a ideia de manter a memorização dos conteúdos, as notas como parâmetro de aprendizagem, professores e alunos restritos à reprodução do conhecimento, ensino autoritário, mecânico e descontextualizado das necessidades sociais. O modelo remete à imposição de regras e à abordagem dos conteúdos, assim como os procedimentos didáticos não têm relação com o cotidiano do aluno (LIBÂNEO, 2006).

Pedagogia da autonomia é um clássico da educação brasileira e, mesmo após anos de sua publicação, apresenta reflexões bastante atuais. Ao deixar seus ensinamentos, Paulo Freire escreveu o livro em um momento de desvalorização do professor, abordando questões relevantes sobre o ato de ensinar e o impacto da dimensão social na formação humana (FREIRE, 2002). A partir desse entendimento, elaborou-se um quadro contendo os capítulos da obra e a relação com as palavras que foram elencadas e inseridas nas mandalas, a partir das considerações sobre educação popular.

Quadro 1 – Significados atribuídos à Educação Popular em Saúde na perspectiva da Pedagogia da Autonomia

Dimensões do ensino	Significados
Não há docência sem discência.	Aprender, interprofissionalidade, respeito, amor, estudante, filha, mulher, irmã, espaço para novos aprendizados.
Ensinar não é transferir conhecimento.	Dar voz a todos, empatia, lutar, acreditar, construir, ressignificar, conhecimento, saúde mental, saúde coletiva, psicologia.
Ensinar é uma especificidade humana.	Proporcionar meios para o cuidado, diálogo, desenvolvimento, precedente, compartilhar, partilha, cuidado.

Fonte: Os autores (2020).

Na perspectiva de que não existem professores sem alunos, considera-se fundamental o apoio mútuo que cada um tem em compartilhar saberes. As discussões durante a disciplina trouxeram reflexões sobre o processo de ensino e aprendizagem, assim como da importância da interprofissionalidade no contexto da saúde. O contato com outras categorias profissionais é importante para a formação em Saúde Coletiva, visto que as experiências e possibilidades de intervenção de cada profissão potencializam o cuidado integral dispensado à população.

A formação em saúde, compartilhada e aprendida com outras categorias profissionais, gera possibilidades para melhorar o trabalho em equipe, apontando possibilidades de práticas colaborativas e integração ensino-comunidade (ROSA *et al.*, 2020). Essa é uma competência importante no contexto da EPS, saber se comunicar com diferentes públicos é primordial para o entendimento das necessidades de saúde nos territórios.

Deve-se considerar que na docência e na discência os saberes dos educandos são igualmente importantes e não há espaço para discriminação. Nesse sentido, as palavras que qualificam os autores neste quesito são: *aprender, interprofissionalidade, respeito, amor, estudante, filha, mulher, irmã, espaço para novos aprendizados*. Por mais que isso não desconstrua as barreiras na formação pautada nas habilidades desejadas pelo capitalismo, como submissão e obediência (DESSOTTI; FERNANDES, 2017), reforçam nosso papel de protagonismo na tríade, ensinar-aprender-compartilhar, seja no contexto familiar, laboral, social e outros.

Em relação ao ensinar não é transferir conhecimentos, os termos elencados são representações do saber incessante: *dar voz a todos; empatia; lutar; acreditar; construir; resignificar; conhecimento; saúde mental; saúde coletiva; e psicologia*. Eles justificam-se pelo próprio campo da Saúde Coletiva e da EPS, que nascem da luta pelos direitos humanos, à vida e à saúde. Tais vocábulos também afirmam que é possível construir e resignificar práticas de saúde, antes centradas no modelo medicalizador, que impactou durante muitos anos, na saúde mental, nos conhecimentos de profissionais e na impossibilidade de “ouvir” outros sujeitos.

Por isso, mais do que ensinar conteúdos, precisa-se possibilitar reflexões que realizem uma leitura de mundo, aquilo que Paulo Freire chama de “leitura da palavra”, traduzida em compreensão dos problemas sociais que se apresentam emergentes (WEYH; NEHRING; WEYH, 2020), superando a alienação presente, quando a educação não é libertadora.

O ensinar como uma especificidade humana foi representado pelas seguintes expressões: *proporcionar meios para o cuidado, diálogo, desenvolvimento, precedente, compartilhar, partilha, cuidado*. Ressalta-se que o diálogo, o compartilhamento de saberes e o cuidado são características importantes que podem ser fomentadas através de processos formativos ativos, como a produção de mandalas.

Dessa forma, enquanto Saúde Coletiva, ter momentos de compartilhamento de saberes, como os dois encontros em que foram construídas as mandalas, é de suma importância para que os sanitaristas possam ampliar perspectivas de intervenções sociais e

impedir, como relata Varaschin, Eidt e Santos (2016), a solidificação de obstáculos que bloqueiam espaços de comunicação aberta.

Discussão

As mandalas formativas no ensino da EPS foram estratégias relevantes para as aulas, pois possibilitaram uma aprendizagem ativa, implicada, principalmente devido ao processo de construção livre e discussão coletiva. Permitiu espaço de fala para todos, assim como compreender os significados das palavras evocadas e as associações com as experiências prévias.

Enfatiza-se que, em ambientes educacionais, por se tratar de uma representação simbólica que busca a integração entre o interior (pensamentos e sentimentos) e o exterior (natureza, espaços) (FERREIRA, 2019), as mandalas possibilitam inúmeras trocas, diálogos e mediações entre os sujeitos e aspectos envolvidos (BRASIL, 2009), contribuindo para uma formação mais sólida, crítica e ativa.

A EPS se constitui a partir das lutas populares em busca de melhores condições de saúde para a população, por meio de encontros entre professores, trabalhadores da saúde, alunos, segmentos da igreja e movimentos sociais que confluíram suas diversas e distintas correntes teóricas, resultando em modos de produzir ações voltadas à saúde, a partir do diálogo e interação com as classes populares, reconhecendo seus saberes, culturas e diversidades (STOTZ, 2007; BRASIL, 2014).

A EPS também busca a apreensão da realidade de uma forma crítica, problematizando as condições de saúde, adoecimento, sofrimento e cuidado (PEDROSA; BONETTI; BUARQUE, 2011). Além disso, tem-se a troca de saberes entre a população e os profissionais de saúde, possibilitando o fortalecimento da organização popular, o enriquecimento ao serviço de saúde, a ampliação das práticas dialogadas (entre o saber popular e saber científico) (VASCONCELOS, 1997; ALBUQUERQUE; STOTZ, 2004). Para tal, é primordial pensar em estratégias formativas que fomentem as dimensões técnicas e humanas, através da contextualização.

Dessa forma, as mandalas apresentam-se como alternativas viáveis para os processos de ensino e aprendizagem. A mandala no âmbito pedagógico se configura como uma metodologia, na qual o cerne é a rede de saberes (BRASIL, 2009), demonstrando que o processo formativo não é linear, é cíclico, que se trata de uma forma constante de renovação, construção e desconstrução de saberes, permeado pelo diálogo (FERREIRA, 2019).

Ceccim *et al.* (2016) apontam que a mandala possui ilimitadas apresentações e na sua produção não existe repetição. Essa técnica envolve a racionalidade e a sensibilidade, logo, aprende-se por meio dela (FERREIRA, 2019). O uso de mandalas em processos formativos, educativos é caracterizado por: um saber sensível à ludicidade e linguagens artísticas; o educando é o centro do processo, visto como um ser criativo e autônomo; processos mediados por professores e alunos através do diálogo, da troca; métodos ativos e que estimulam a participação; fomento à imaginação; compreensão de que a inteligibilidade está associada à sensibilidade (D'ÁVILA; FERREIRA, 2018).

Assim como as possibilidades de discussão e experiências apresentadas nesse estudo, outras evidências do uso de mandalas no processo formativo são apresentadas como eficientes, em diferentes cenários e contextos: na educação infantil; em aulas de graduação e pós-graduação *lato sensu* (FERREIRA, 2019); na formação em serviço na atenção básica, através de programas de residência (SOLANO, 2020).

Salienta-se que as mandalas, nas discussões de EPS, foram ferramentas que potencializaram o processo de ensino-aprendizagem, uma vez que as vivências despertaram sentimentos, ampliaram visões, fomentaram a interdisciplinaridade e o diálogo, promovendo a troca de saberes entre diferentes sujeitos de diversas formações.

Contudo, é importante destacar que esse relato de experiência teve limitações em sua elaboração, pois não foi possível apresentar todas as mandalas confeccionadas pelos alunos por questões relacionadas aos direitos de imagem, e, por terem sido realizadas em ambiente virtual, outras formas de representação de mandalas foram impossibilitadas.

Considerações finais

Discorrer sobre EPS para a formação e atuação no SUS só foi possível a partir da vivência na disciplina de EPEPS, pois, por meio dela, criou-se a possibilidade de abertura para experimentar novas culturas, saberes, práticas e momentos, distintos dos já experienciados pelos autores. Foi no enlace do conhecimento científico com os saberes compartilhados, do vivido e do aprendido, do absorvido e do contestado, que a formação dos estudantes, futuros sanitaristas, foi caracterizada.

Em síntese, as mandalas possibilitaram discussões mais abertas por meio de posicionamentos sobre educação, espaços de formação e modelos de produção de saúde no contexto da EPS, estimulando a criatividade, a criticidade, a oralidade, dentre outras competências. Dividir saberes e práticas, mediante metodologias ativas e com base na

Pedagogia da Autonomia, é um importante caminho para a Saúde Coletiva, considerando, principalmente, a diretriz político-ideológica que a formação do “ser” sanitaria traz em seu bojo, que é promover saúde.

Referências

ALBUQUERQUE, P. C.; STOTZ, E. N. A educação popular na atenção básica à saúde no município: em busca da integralidade. **Interface: Comunicação, Saúde, Educação**, v. 18, n. 15, p. 259-274, 2004. Doi: 10.1590/S1414-32832004000200006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/Lt4mytxnczXDFNQfZHQnCKc/abstract/?lang=pt> . Acesso em: 15 maio 2020.

BEHRENS, M. A. **O paradigma emergente e a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. **II Caderno de educação popular em saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2014. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/2_caderno_educacao_popular_saude.pdf. Acesso em: 15 maio 2020.

BRASIL. **Rede de saberes mais educação**: pressupostos para projetos pedagógicos de educação integral: caderno para professores e diretores de escolas. Brasília: Ministério da Educação, 2009. (Série Mais Educação). Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/cad_mais_educacao_2.pdf. Acesso em: 15 maio 2020.

CECCIM, R. B. *et al.* Educação em saúde coletiva, pesquisa-formação e estratégia de prospecção de modelos tecnoassistenciais na atenção básica. *In*: CECCIM, R.B. *et al.* **Intensidade na atenção básica**: prospecção de experiências ‘informes’ e pesquisa-formação. Porto Alegre: Rede UNIDA, 2016.

D'ÁVILA, C.; FERREIRA, L. G. Concepções pedagógicas na educação superior: abordagens de ontem e de hoje. *In*: D'ÁVILA, C.; MADEIRA, A. V. (org.). **Ateliê didático**: uma abordagem criativa na formação continuada de docentes universitários. Salvador: EDUFBA, 2018. p. 21-46.

DESSOTTI, E.; FERNANDES, H. L. Aprender a ser aluno: a formação discente para o ensino de ciências. **Laplage em Revista**, v. 3, n. 3, p. 200-205, 2017. Disponível em: https://www.redalyc.org/pdf/5527/Resumenes/Resumo_552756523016_5.pdf. Acesso em: 17 fev. 2020.

FALKENBERG, M. B. *et al.* Educação em saúde e educação na saúde: conceitos e implicações para a saúde coletiva. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 847-852, 2014. Doi: 10.1590/1413-81232014193.01572013. Disponível em: Acesso em: 15 maio 2020.

FERREIRA, L. C. Mandalas pedagógicas no processo ensino-aprendizagem: saberes e sabores na formação docente. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 15, n. 35, p. 61-76, 2019. Doi: 10.22481/praxisedu.v15i35.5660. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/about/contact>. Acesso em: 10 fev. 2020.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se complementam. São Paulo: Cortez, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GADOTTI, M. **Paulo Freire e a educação popular**. Disponível em: <https://sindacs.org.br/novo/wp-content/uploads/2018/06/Paulo-Freire-e-a-Educa%C3%A7%C3%A3o-Popular.pdf>. Acesso em: 7 maio 2020.

KARPINSKI, R.; FETTER, S. A. A formação pedagógica do(a) professor(a) na ótica de Freire. **Form@ção de Professores em Revista**, Taquara, v. 1, n. 1, p. 40-48, 2020. Disponível em: <https://seer.faccat.br/index.php/formacao/article/view/1710>. Acesso em: 15 mar. 2020.

LIBÂNEO, J. C. **Democratização da escola pública**: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Loyola, 2006.

MENDONÇA, B. I. O.; BRITO, M. A. Q. Mandalas como recurso terapêutico na prática da Gestalt-Terapia. **Revista IGT na Rede**, v. 14, n. 27, p. 273-290, 2017. Disponível em: <http://igt.psc.br/ojs3/index.php/IGTnaRede/article/view/544>. Acesso em: 15 maio 2020.

MUNHOZ; L. P. S.; SALATIANO, V. E. A possível relação entre a pedagogia freireana e a educação tecnológica e a distância. **Brazilian Journal of Development**, São José dos Pinhais, v. 6, n. 7, p. 53791-53798, 2020. Doi: 10.34117/bjdv6n7-865. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/14250>. Acesso em: 15 fev. 2020.

PAIM, J. S.; ALMEIDA FILHO, N. Saúde coletiva: uma “nova” saúde pública ou campo aberto a novos paradigmas? **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 32, n. 4, p. 299-316, 1998. Doi: 10.1590/S0034-89101998000400001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/PDRmKQr7vRTRqRJtSgSdw7y/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 fev. 2020.

PEDROSA, J. I. S.; BONETTI, O. P.; BUARQUE, M. N. A. P. Educação popular em saúde como política pública. **Revista de APS**, v. 14, n. 4, p. 397-407, 2011 Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/aps/article/view/15021>. Acesso em: 15 fev. 2020.

PINHEIRO, L. V. R. Mutações na ciência da informação e reflexos nas mandalas interdisciplinares. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v. 28, n. 3, p. 115-134, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/43317>. Acesso em: 15 maio 2020.

PITAK-DAVIS, S. Creating mandalas: for insight, healing, and self-expression. **The Arts in Psychotherapy**, [s. l.], v. 19, n. 3, p. 223, 1992. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/019745569290024I>. Acesso em: 14 jan. 2020.

ROSA, W. A. G. et al. Limites e potencialidades da interprofissionalidade em saúde: revisão de literatura. **Libertas**, São Sebastião do Paraíso, v. 10, n.1, p. 28-39, 2020. Disponível em: <http://www.libertas.edu.br/revistas/index.php/riclibertas/article/view/107>. Acesso em: 15 fev. 2020.

SANTOS, L. L. *et al.* Horta medicinal escolar mandala: integração entre o conhecimento popular e o científico. **Revista de Educação Popular**, Uberlândia, v. 14, n. 1, p. 145-160, 2015. Doi: 10.14393/REP-v14n12015-rel02. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/28791>. Acesso em: 12 maio 2020.

SCHRAIBER, L. B. Engajamento ético-político e construção teórica na produção científica do conhecimento em saúde coletiva. *In*: BAPTISTA, T. W. F.; AZEVEDO, C. S.; MACHADO, C. V. (orgs.). **Políticas, planejamento e gestão em saúde**: abordagens e métodos de pesquisa. Rio de Janeiro: Editora da Fiocruz, 2015. p. 33-57.

SILVA, M. J. S.; SCHRAIBER, L. B.; MOTA, A. The concept of health in collective health: contributions from social and historical critique of scientific production. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 1, p. 1-19, 2019. Doi: 10.1590/S0103-73312019290102. Disponível em: Acesso em: 14 fev. 2020.

SOLANO, L. da C. **Mandala formativa e a unidade básica de saúde escola**: as residências em saúde nos cenários de práticas na atenção básica. Tese (Doutorado em Enfermagem) - Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020.

STOTZ, E. N. Enfoques sobre educação popular e saúde. *In*: **BRASIL**. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. **Caderno de Educação Popular e Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2007. p. 46-57. (Série B. Textos Básicos de Saúde).

VARASCHIN, R. A.; EIDT, P.; SANTOS, C. dos. Educação e trabalho nosso de cada dia: de especificidade humana à mercantilização. **Professare**, Caçador, v. 5, n. 3, p. 51-64, 2016. Doi: 10.33362/professare.v5i3.926. Disponível em: <https://periodicos.uniarp.edu.br/index.php/professare/article/view/926>. Acesso em: 15 maio 2020.

VASCONCELOS, E. M. **Educação popular nos serviços de saúde**. São Paulo: Hucitec, 1997.

WEYH, L. F.; NEHRING, C. M.; WEYH, C. B. A educação problematizadora de Paulo Freire no processo de ensino-aprendizagem com as novas tecnologias. **Brazilian Journal of Development**, São José dos Pinhais, v. 6, n. 7, p. 44497-44507, 2020. Doi: 10.34117/bjdv6n7-171. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/12858>. Acesso em: 15 jan. 2020.

Submetido em 5 de dezembro de 2020.

Aprovado em 22 de maio de 2021.